

Rua de mão única

OBRAS ESCOLHIDAS

Volume 2

Tradução

Rubens Rodrigues Torres Filho

e

José Carlos Martins Barbosa

DESEMPACOTANDO MINHA BIBLIOTECA

Um discurso sobre o colecionador

Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm de temer. Ao contrário, devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito — certamente não elegíaca, mas, antes, tensa — que estes livros despertam no autêntico colecionador. Pois quem lhes fala é um deles e, no fundo, está falando só de si. Não seria presunção enumerar-lhes, prevalecendo-me aqui de uma aparente objetividade e realismo, as peças ou divisões mais importantes de uma biblioteca, ou expor-lhes a história de sua formação ou mesmo sua utilidade para o escritor? Em todo caso, com as palavras seguintes, tive em mira algo menos oculto, algo mais palpável. Tenho a intenção de dar uma ideia sobre o relacionamento de um colecionador com os seus pertences, uma ideia sobre a arte de colecionar mais do que sobre a coleção em si. É inteiramente arbitrário que eu faça isso baseando-me na observação das diversas maneiras de adquirir livros. Este processo ou qualquer outro é apenas um dique contra a maré de água viva de recordações que chega rolando na direção de todo colecio-

editora brasiliense

DIVIDINDO OPINIÕES MULTIPLICANDO CULTURA

1 9 8 7

nador ocupado com o que é seu. De fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças. Contudo, direi mais ainda: o acaso e o destino que tingem o passado diante de meus olhos se evidenciam simultaneamente na desordem habitual desses livros. Pois o que é a posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como se fosse ordem? Vocês já ouviram falar de pessoas que adoeceram com a perda de seus livros, de outras que neste ofício se tornaram criminosas. Nesse domínio, toda ordem é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício. “O único conhecimento exato que existe” — disse Anatole France — “é o do ano de publicação e o do formato dos livros”. Na prática, se há uma contrapartida da desordem de uma biblioteca, seria a ordenação de seu catálogo.

Assim, a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem.

Naturalmente, sua existência está sujeita a muitas outras coisas: a uma relação muito misteriosa com a propriedade, sobre a qual algumas palavras ainda devem ser ditas mais tarde; a seguir: a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino. O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação — a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior — para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. Aqui, portanto, neste campo restrito, pode-se presumir como os grandes fisiognomistas — e os colecionadores são os fisiognomistas do mundo dos objetos — se tornam intérpretes do destino. Basta observar um colecionador manuseando os objetos em seu mostruário de vidro. Mal os segura em suas mãos, parece inspirado a olhar através deles para os seus passados remotos. — *Habent sua fata libelli* — talvez essas palavras tenham sido concebidas como uma declaração genérica sobre livros. Assim, livros como *A Divina Comédia* ou *A Ética*, de Spinoza, ou *A Origem das Espécies* têm seu destino. O

coleccionador, porém, interpreta esse aforismo latino de outro modo. Para ele não só livros, mas também seus exemplares têm seu destino. E, neste sentido, o destino mais importante de todo exemplar é o encontro com ele, o colecionador, com sua própria coleção. E não estou exagerando: para o colecionador autêntico a aquisição de um livro velho representa o seu renascimento. E justamente neste ponto se acha o elemento pueril que, no colecionador, se interpenetra com o elemento senil. Crianças decretam a renovação da existência por meio de uma prática centuplicada e jamais complicada. Para elas colecionar é apenas *um* processo de renovação; outros seriam a pintura de objetos, o recorte de figuras e ainda a decalcomania e assim toda a gama de modos de apropriação infantil, desde o tocar até o dar nome às coisas. Renovar o mundo velho — eis o impulso mais enraizado no colecionador ao adquirir algo novo, e por isso o colecionador de livros velhos está mais próximo da fonte do colecionador que o interessado em novas edições luxuosas.

Algumas palavras sobre como livros atravessam o limiar de uma coleção, sobre como se tornam propriedade do colecionador, sobre a história de sua aquisição.

De todas as formas de obter livros, escrevê-los é considerada a mais louvável. Muitos de vocês hão de achar divertido lembrar-se da grande coleção de livros que Wutz, o professorzinho pobre de Jean Paul, adquiriu com o tempo pelo expediente de escrever, ele próprio, todas as obras cujos títulos o interessavam em catálogos de feiras de livros, já que não tinha os meios de comprá-los. Na verdade, os escritores não escrevem porque são pobres, mas porque estão insatisfeitos com os livros que poderiam comprar e que não lhes agradam. Os meus leitores acharão esquisita essa opinião sobre o escritor, mas tudo o que se diz do ponto de vista de um colecionador autêntico é esquisito. Dos modos costumeiros de adquirir livros, o mais conveniente seria tomar emprestado sem a subsequente devolução. O sujeito que se destaca pela quantidade de livros que tomou emprestados — que é a quem vimos aqui — mostra-se como um inveterado colecionador de livros não tanto pelo fervor com que guarda o seu tesouro emprestado nem pelos ouvidos moucos que faz a qualquer advertência proveniente do mundo cotidiano da legalidade, mas pelo fato de que não lê os livros. Se quiserem acreditar

na minha experiência, saibam que freqüentemente me devolviam, em tempo oportuno, um livro emprestado sem que o tivessem lido. Seria — vocês hão de perguntar — uma característica do colecionador não ler livros? Dir-se-ia que é a maior das novidades. Mas não, pois especialistas podem confirmar que é a coisa mais velha do mundo, e menciono aqui a resposta que Anatole France tinha na ponta da língua para dar ao filisteu que, após ter admirado sua biblioteca, terminou com a pergunta obrigatória: — E o senhor leu tudo isso, *Monsieur France*? — Nem sequer a décima parte. Ou, por acaso, o senhor usa diariamente sua porcelana de Sèvres?

Casualmente pus à prova o direito a tal comportamento. Por anos a fio — pelo menos durante o primeiro terço de sua existência até hoje — minha biblioteca não consistiu de mais de duas ou três fileiras que cresciam anualmente cerca de um centímetro apenas. Foi a sua fase marcial, em que nenhum livro podia nela ingressar sem a confirmação de que eu o lera. Assim, talvez, jamais teria chegado a possuir algo que, pelo tamanho, pudesse ser denominado biblioteca sem a inflação que, subitamente, mudou a ênfase dos negócios, transformando livros em objetos de valor ou, pelo menos, tornando-os difíceis de obter. No mínimo, foi assim que me pareceu na Suíça. E, de fato, nos derradeiros momentos, fiz de lá minhas grandes encomendas de livros e pude ainda assegurar obras insubstituíveis como *Der blaue Reiter (O Cavaleiro azul)* e *Sage von Tanaquil (Saga de Tanaquil)*, de Bachofen, que naquela época ainda podiam ser adquiridas dos editores.

Agora, dirão vocês, depois de atravessar tantos cruzamentos e transversais, deveríamos finalmente chegar à larga estrada da aquisição de livros representada pela compra. Realmente, uma estrada larga, mas não muito cômoda. O ato de comprar do colecionador de livros tem muito pouco a ver com o que, numa livraria, efetua um estudante à cata de um livro-texto, ou um homem do mundo em busca de um presente para sua dama, ou um caixeiro-viajante a fim de passar o tempo em sua próxima viagem de trem. Minhas compras mais memoráveis ocorreram durante viagens, como transeunte. Propriedade e posse estão circunscritas a uma tática. Colecionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra

que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. Quantas cidades não se revelaram para mim nas caminhadas que fiz à conquista de livros!

Por certo, apenas uma parcela das aquisições mais importantes se faz no estabelecimento comercial. Catálogos desempenham um papel muito mais relevante. E mesmo que o colecionador conheça perfeitamente o livro encomendado pelo catálogo, o exemplar sempre permanece uma surpresa e a encomenda um pouco como jogo de azar. Ao lado das dolorosas decepções, há os achados felizes. Lembro-me, por exemplo, de um dia ter encomendado um livro com ilustrações coloridas para minha coleção de livros infantis só porque continha contos de Albert Ludwig Grimm e era publicado em Grimma, na Turingia. De Grimma também procedia um livro de fábulas que o mesmo Albert Ludwig Grimm publicara; com suas dezesseis ilustrações era, no exemplar que eu possuía, o único testemunho preservado dos primeiros trabalhos do grande ilustrador alemão Lyser, que vivera em Hamburgo em meados do século passado. Ora, minha reação para com a consonância dos nomes fora precisa. Aqui também descobri trabalhos de Lyser, ou mais exatamente uma obra — *Linas Märchenbuch (Contos de Lina)*, obra que permaneceu desconhecida de todos os seus bibliógrafos e que merece uma referência mais detalhada que esta, a primeira, que estou fazendo aqui.

De modo algum a aquisição de livros se resolve apenas com dinheiro ou apenas com o conhecimento de perito. Nem mesmo estes dois fatores juntos bastam para o estabelecimento de uma verdadeira biblioteca, que sempre contém, ao mesmo tempo, o inescrutável e o inconfundível. Quem compra a partir de catálogos deve possuir, além das qualidades mencionadas, um faro apurado. Datas, nomes de lugares, formatos, donos anteriores, encadernações, etc.: todas essas coisas devem ter um significado para ele, não só como fatos isolados e áridos, mas devem se harmonizar, e, pela qualidade e intensidade dessa harmonia, o comprador deve ser capaz de reconhecer se um livro lhe convém ou não. Um leilão de colecionadores requer capacidades totalmente distintas. Para o leitor de catálogos o que deve contar é o livro em si ou então seu proprietário anterior, se a procedência da cópia estiver deter-

minada. Quem pretende tomar parte de um leilão deve concentrar a atenção equitativamente no livro e nos concorrentes e, acima de tudo, manter a cabeça fria o bastante — o que, no entanto, raramente ocorre — para não ser arrastado pela disputa e assim não se ver, por fim, enforcado por um preço alto num ponto em que ofereceu mais, antes para fazer frente ao adversário do que para adquirir o livro em si. Entretanto, uma das lembranças mais belas do colecionador é o momento em que veio em socorro de um livro, para o qual, em vida, talvez jamais tivesse tido um pensamento, e muito menos ainda o desejo de possuir, só porque estava à venda, abandonado e sozinho, e, com o mesmo fim do príncipe que em *As mil e uma Noites* compra uma bela escrava, ele o comprou para lhe dar a liberdade. Pois para o colecionador a verdadeira liberdade de todo livro é estar nalguma parte de suas estantes.

Ainda hoje *Pele de Onagro*, de Balzac, se destaca das longas filas de volumes franceses de minha biblioteca como o monumento de minha experiência mais emocionante em leilões. Aconteceu em 1915, no leilão Rümman, organizado por Emil Hirsch, um dos maiores conhecedores de livros e, ao mesmo tempo, um dos mais distintos vendedores. A edição de que se trata apareceu em 1838 em Paris, *Place de la Bourse*. Agora, quando tomo nas mãos o exemplar, vejo não apenas seu número na coleção Rümman, mas também a etiqueta da livraria na qual, há noventa anos, o primeiro comprador o adquiriu por cerca de 1/80 do preço atual: “Papeterie I. Flanneau”. Bela época aquela em que edições de luxo como essa — pois suas gravuras de aço foram idealizadas pelo mais notável desenhista francês e realizadas pelos maiores gravadores — podiam ser compradas numa papelaria. Mas quero é lhes contar como adquiri o livro. Eu fora à loja de Emil fazer uma inspeção prévia e manuseara sem interesse uns 40 a 50 volumes; só este volume despertou em mim o desejo ardente de me apossar dele para sempre. Chegou o dia do leilão. Por um acaso, de acordo com a ordem de apresentação dos itens do leilão, esse exemplar de *Pele de Onagro* foi precedido por uma seqüência completa de suas ilustrações impressas separadamente em papel da China. Os proponentes estavam sentados em torno de uma comprida mesa; quase à minha frente, o homem que, no primeiro lance, concentrou em si todos os olhares: o famoso colecionador de Munique, barão von Si-

molin. Ele estava interessado naquela seqüência, mas tinha concorrentes. Em suma, houve uma luta acirrada, cujo resultado foi o lance mais alto de todo o leilão, um lance muito acima de 3000 marcos. Ninguém parecia ter esperado quantia tão elevada e uma agitação passou por todos os presentes. Emil Hirsch permaneceu impávido e, fosse para não perder tempo ou por outros motivos, passou para o item seguinte sob a desatenção geral da assistência. Declarou o preço e, com o coração disparado e com a clara consciência de não poder competir com nenhum dos grandes colecionadores ali presentes, ofereci um pouco mais. Sem despertar a atenção de ninguém, o leiloeiro passou pela fórmula de praxe — “ninguém dá mais?” — e pelas três batidas — a mim me pareceram separadas por uma eternidade — e, por fim, adicionou a taxa correspondente. Para um estudante como eu, a soma era ainda bastante elevada. A manhã seguinte na casa de penhores já não faz parte dessa história, e em vez disso prefiro falar de outro evento que poderia chamar o lado negativo dos leilões. Ocorreu em Berlim, no ano passado. O que estava em oferta era, pela qualidade e pelo tema, uma miscelânea de livros, entre os quais eram dignas de nota apenas umas obras raras sobre ocultismo e filosofia natural. Fiz oferta para algumas delas, mas, toda vez que me manifestava, percebi que um senhor numa das alas frontais parecia apenas ter esperado minha oferta para cobri-la com a sua. Depois que o fato se repetiu algumas vezes, perdi a esperança de obter o livro que mais me interessava naquele dia. Eram os raros *Fragmente aus dem Nachlasse eines jungen Physikers (Fragmentos da Obra Póstuma de um Jovem Físico)*, que Johann Wilhelm Ritter publicou em dois tomos em Heidelberg, no ano de 1810. A obra nunca foi reimpressa, mas considero o prefácio, no qual o autor-editor expõe a história da própria vida na forma de necrológio para seu amigo anônimo supostamente falecido — que não é ninguém senão ele mesmo —, como a mais importante amostra da prosa pessoal do Romantismo alemão. No momento em que o número foi dito, tive uma inspiração. Era bastante simples: já que minha oferta deveria infalivelmente dar o item ao outro sujeito, eu não deveria de modo algum me manifestar. Dominei-me e permaneci calado. O que tinha esperado, aconteceu: nenhum interesse, nenhum lance, e o livro voltou ao seu lugar. Julguei sensato dei-

xar passar mais alguns dias. De fato, quando apareci uma semana depois, encontrei o livro na seção de antiquários, e a falta de interesse que demonstraram para com ele me foi proveitosa na hora da aquisição.

Quantas coisas não retornam à memória uma vez nos tenhamos aproximado das montanhas de caixas para delas extrair os livros para a luz do dia, ou melhor, da noite. Nada poderia realçar mais a operação de desempacotar do que a dificuldade de concluí-la. Eu começara ao meio-dia, e já era meia-noite antes que tivesse aberto caminho até as últimas caixas. Eis que agora, por fim, caíram em minhas mãos dois volumes encadernados com papelão desbotado: dois álbuns de figurinhas que minha mãe colou quando criança e que herdei. São as sementes de uma coleção de livros infantis que ainda hoje cresce constantemente ainda que não seja no meu jardim. — Não há nenhuma biblioteca viva que não abrigue, em forma de livro, um número de criaturas das regiões fronteiriças. Não precisam ser álbuns de colar ou de família, nem cadernos de autógrafos ou textos religiosos: muitas pessoas se afeiçoam a folhetos e prospectos, outras a fac-símiles de manuscritos ou cópias datilografadas de livros impossíveis de achar; e, com certeza, revistas podem compor as orlas prismáticas de uma biblioteca. Mas voltando àqueles álbuns: a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca. Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse. É, portanto, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. Assim, a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto. Saibam que tenho plena consciência de quanto essa revelação que faço do mundo mental contido no ato de colecionar vai reforçar para muitos de vocês a convicção de que essa paixão é coisa do passado e a desconfiança contra o tipo humano do colecionador. Longe de mim a pretensão de abalá-los. Mas só haveria uma coisa a notar: o fenômeno do colecionar perde seu sentido à medida que perde seu agente. Mesmo que coleções públicas sejam menos censuráveis pelo seu lado social e mais úteis pelo seu lado científico do que as particulares, os objetos só têm sua razão de ser nestas. Aliás, sei que está chegando ao fim o tipo de que falo aqui e que apresento um pouco *ex officio*. Mas como diz Hegel: “Só com a

escuridão é que a coruja de Minerva inicia seu vôo”. Só quando extinto é que o colecionador será compreendido.

Agora, em frente da última caixa semi-esvaziada, há muito já passou da meia-noite. Afloram em mim pensamentos diversos dos que acabei de relatar. Não são pensamentos; são imagens, lembranças. Lembranças das cidades nas quais achei tantas coisas: Riga, Nápoles, Munique, Danzigue, Moscou, Florença, Basiléia, Paris. Lembranças das salas luxuosas de Rosenthal em Munique, da *Stockturm* em Danzigue onde morou o falecido Hans Rhaue, do subsolo mofento e cheio de livros de Süssengut, Berlim Norte; lembranças dos recintos onde esses livros ficavam, da minha toca de estudante em Munique, do meu quarto em Berna, da solidão de Isetwald à margem do lago de Brienz, e por fim do meu quarto de criança, donde se originaram apenas quatro ou cinco dos muitos milhares de livros que começam a se empilhar a meu redor. Bem-aventurado o colecionador! Bem-aventurado o homem privado! De ninguém se esperou menos do que dele, e ninguém sentiu mais bem-estar do que aquele que pôde prosseguir sua existência desacreditada sob a máscara spitzweguiana.* Pois dentro dele se domiciliaram espíritos ou geniozinhos que fazem com que para o colecionador — e me refiro aqui ao colecionador autêntico, como deve ser — a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas. E, assim, erigi diante de vocês uma de suas moradas, que tem livros como tijolos, e agora, como convém, ele vai desaparecer dentro dela.

* Carl Spitzweg (1808-1885), pintor de motivos burgueses ingênuos; uma de suas telas se chamaria “O Bibliófilo”. (N.T.)